

# 1

## Fade-in

A luz fascina o ser humano. Desde o início dos tempos o homem busca a claridade: o êxtase pela descoberta do fogo, a adoração ao sol, à lua, às estrelas... O mito da Caverna, descrito por Platão no Livro VII da República, também ilustra bem esta ligação do homem com a luz. Ele descreve a seguinte situação: uma caverna subterrânea onde, desde a infância, seres humanos estão aprisionados. Presos de forma a permanecer sempre voltados para frente, e tendo na entrada da caverna uma fogueira, enxergam na parede do fundo da caverna, para a qual estão virados, as sombras de objetos e pessoas que passam em frente à fogueira.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras são as próprias coisas. Platão pergunta: o que aconteceria se algum prisioneiro fosse libertado e colocado para fora da caverna? Num primeiro momento, ficaria completamente cego; depois, diz ele, acostumando-se com a claridade, veria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens.

Fazendo deste mito uma metáfora da contemporaneidade em relação a ligação dos homens com as imagens, é possível pensar que sair da caverna e se ver no foco da luz corresponde à se tornar visível, se reconhecer e ser reconhecido.

Através dos tempos o homem buscou aparatos que o ajudassem a se manter “no foco da luz”, por assim dizer. Desenvolveu, através do estudo da ótica e da construção de aparelhos, a técnica da fotografia, que é a representação de um momento, de um lugar, de uma pessoa, “escrito” com luz.

Assim como a parede da caverna de Platão serviu como suporte para as primeiras imagens vistas por aqueles homens das sombras, a película fotográfica e o papel na qual as fotografias eram impressas serviram como meio de difundir aquelas imagens repletas de informação e sentido. Pode-se dizer que um grande sentido da imagem é a busca pela eternização, pelo prolongamento daquele instante no qual o objeto esteve exposto à claridade.

Depois veio o cinema, que colocou a fotografia em movimento, ajudando a eternizar ainda mais situações e pessoas. O cinema, à medida em que foi se desenvolvendo, aliou à simples sequências de imagens um sentido narrativo e seu potencial tanto comunicacional quanto comercial se multiplicou, fazendo com que este se transformasse em um importante veículo de comunicação, capaz de mobilizar, através das imagens, pessoas em todo o mundo.

A televisão trouxe nova revolução em termos de aparato audiovisual. Conseguiu, através da tecnologia de pontos iluminados que juntos formavam a imagem captada, levar o encantamento das imagens em movimento para dentro das casas das pessoas. Com isso conseguiu potencializar a abrangência do cinema, desenvolvendo diversos gêneros capazes de atrair a atenção do público.

Um destes gêneros televisivos é o reality show, cujo objetivo é lançar um foco de luz constante e incessante sobre pessoas escolhidas para participarem daquela situação. Descobrir quem são estes personagens e porque eles aceitam ficar tão expostos aos olhos de todos é um dos objetivos deste trabalho.

Todos os meios de comunicação descritos acima e outros foram responsáveis pela globalização da sociedade. Esse processo provocou mudanças no modo de pensar a vida em sociedade e na forma das pessoas se relacionarem. Pode-se dizer que hoje, através das imagens propagadas pelas mídias, é que os sujeitos se constroem e se afirmam enquanto atores sociais.

Se é através da imagem que o sujeito se identifica e se relaciona com o outro, ter esta imagem estampada e reproduzida em um veículo de mídia aumenta o poder de reconhecimento deste sujeito, que passa a ser visto por muitos.

Para chegar a tal ponto neste trabalho, será importante passar pelo estudo da estrutura aristotélica de dramaturgia, pois foi Aristóteles um dos primeiros pensadores a dedicar uma análise detalhada e específica sobre o personagem e sua importância na construção de uma narrativa. A partir daí, será analisada a indústria do entretenimento e sua apropriação ficcional da estrutura de Aristóteles. Esta indústria carregou o personagem de um sentido mítico, sobre-humano, capaz de influenciar e mobilizar pessoas de todo o mundo. Para embasar este pensamento, o estudo de Morin sobre os olímpianos será fundamental.

No item seguinte, será abordado o cinema documentário e sua relação com o personagem. Após uma pequena introdução tratando dos primeiros filmes do

gênero, estudarei duas vertentes cuja estrutura é bastante similar, principalmente em termos técnicos, com a realidade atual do telejornalismo.

Este será o próximo tópico, após um breve resumo sobre o surgimento da televisão e seu histórico, tanto no mundo quanto no Brasil. Falarei também sobre o nascimento da TV Globo, a maior rede brasileira e a quarta do mundo. Ela é responsável pela exibição de vários reality-shows de sucesso, inclusive do “Big Brother Brasil”, objeto de análise no último capítulo. Além disso, sua importância para este trabalho também se explica pela facilidade conseguida na simples menção do seu nome: para o brasileiro, aparecer na Globo não é aparecer em qualquer canal, mas no mais conhecido e assistido.

Ao falar das reportagens, serão enfatizadas as novas formas de interação entre as pessoas proporcionadas pelo aparato televisão e a sensação de proximidade proporcionada pela transmissão ao vivo do telejornalismo. Logo em seguida, esta sensação, levada para o entretenimento, coloca o público em situação de voyeur da vida e da intimidade alheia. Os reality-shows surgem como novo gênero, capazes de transformar o homem comum em personagem principal, com a promessa ou a ilusão de fazê-los compartilhar a mesma tela que mostra as celebridades que eles tanto admiram e se espelham. Depois de descrever um pequeno histórico deste tipo de programa, será observado o motivo pelo qual o público se sente tão atraído por ele.

No capítulo intitulado “Panorama”, abordarei os motivos para a confusão entre os termos pessoa e personagem; a questão dos arquétipos, responsáveis pela estruturação das narrativas de forma a deixar bem claro para o público a função de cada personagem no enredo; e as máscaras, tanto físicas como simbólicas, tais como as máscaras sociais, cujos moldes são fornecidos em grande parte, na atualidade, através das mídias.

A partir daí, será tratado o surgimento do que se convencionou chamar de “personagem”, um ser humano comum que constrói a si mesmo diante das mídias, de uma maneira X ou Y, por compreender o funcionamento e o papel destes veículos, a expectativa do outro em relação a ele e a sua própria expectativa em relação ao que pensa de si.

Será discutido neste mesmo capítulo a possibilidade de se representar o real e um outro ponto muito importante para o estudo do personagem audiovisual: o

porquê se deixar filmar. No item seguinte, na tentativa de unir o universo da prática profissional com o dos estudos teóricos, achei necessário “apresentar” como se chega a um personagem e quem o encontra. Um personagem é fruto da intensa busca do pesquisador de personagem, figura muitas vezes desconhecida, bem como as características de seu trabalho. Tentarei ilustrá-las com minha experiência profissional ao exercer esta função, tarefa que tive na TV Globo, a partir de 1996.

Aliás, foi justamente esta experiência profissional que me levou a escolher o estudo deste tema. Sempre me causou curiosidade entender porque a maioria das pessoas se mostravam tão disponíveis ao serem abordadas na rua por um estranho e perguntadas sobre sua vida. Realmente devo levar em consideração que eu me apresentava como “representante” da TV Globo, o que me colocava na posição “daquela que pode abrir as portas para a fama”, guardadas as devidas proporções.

A grande maioria não se incomodava de contar detalhes da vida, davam endereço, com quem moravam etc. Ninguém pensava o que eu poderia fazer com aquelas informações sobre a rotina daquela pessoa ou a possibilidade e o desejo de aparecer era maior? Durante a conversa mesmo, já começavam as brincadeiras entre o entrevistado e as pessoas à sua volta: “Vai para a Globo, né? Vai ficar famoso!”, às quais as pessoas reagiam com uma orgulhosa vergonha.

É importante ressaltar que um dos grandes desafios deste trabalho será tratar de um tema tão pouco explorado e tão subjetivo como o personagem. Tentarei exemplificar a dinâmica de casting, relacionando situações vividas na prática com a teoria explicitada nos capítulos anteriores.

A análise final, no último capítulo, sobre o “Big Brother Brasil” pretende dar uma panorama de todas as etapas envolvidas no mecanismo deste novo produto televisivo. Desde a seleção dos personagens e sua construção, por si próprios e por um discurso repleto de referências dramáticas, até os mecanismos de conquista da audiência, sedução, interesses comerciais etc.

Entrevistei, para tal, o vencedor da quinta edição do programa, Jean Willys. Sua fala vai permear toda a descrição do programa, somada à fala de um editor e de parte da equipe de pesquisadores do reality para, assim, tentar explicar este fascínio do público pela própria imagem refletida na televisão, por estar sob a luz dos holofotes, mesmo que seja através de um outro que poderia ser ele.